

## A FILOSOFIA GREGA E O PENSAMENTO DE AGOSTINHO DA SILVA

### 1. Civilização e cultura

Os antropólogos contemporâneos tendem a considerar que existe uma convergência entre os fenômenos sociais e aquilo a que alguns chamam “fenômenos de civilização”<sup>1</sup>, isto é, aqueles que têm como característica dominante a de serem comuns a um número maior ou menor de sociedades e a um passado mais ou menos longínquo dessas sociedades e em que historicamente alguma mediação aproximou. Assim eles serão de certo modo supra-nacionais, sem *fronteiras* de estados, nações, tribos ou o que quer que seja que se possa relacionar com sociedades politicamente organizadas. Por isso e se partirmos desta perspectiva, poder-se-á dizer que uma civilização constitui uma espécie de “meio moral” onde um determinado número de países encontra identificação e onde cada cultura nacional assume uma forma particular<sup>2</sup>.

A cultura grega, berço e matriz da civilização ocidental, não deixou por isso, e mesmo assim, de se cruzar com outras civilizações e culturas com ela dialogando. A Filosofia foi sem dúvida a sua mais nobre e sublime manifestação, expressando no tempo e muito para além dele um dos superiores momentos da criação e consciência humanas.

Na obra recentemente publicada no Brasil intitulada “Filosofia da Cultura Grega: contribuições para ao estudo do pensamento neo-helénico contemporâneo”<sup>3</sup>, a sua autora, Constança Marcondes César, ao analisar e interpretar um dos conceitos chave da Filosofia da Cultura Grega, o conceito de *Kairós*, tem como referência a importância que este conceito assume não só em Monique Trédé<sup>4</sup>, mas principalmente no filósofo grego contemporâneo Evaghélos Moutsopoulos, que afirmará ser, *Kairós*, “o tempo oportuno, o instante propício”<sup>5</sup>. E, ao debruçar-se sobre o referido conceito

---

<sup>1</sup> Caso, nomeadamente, de Levi Strauss, para quem “a civilização implica uma coexistência de culturas” ao mesmo tempo que diz “apresentarem entre si o máximo de diversidade e coexistências”.

<sup>2</sup> Consultar Marcel Mauss, *Oeuvres*, 2, *Représentations Collectives et Diversité des Civilisations*, Paris, 1974, pp. 452-460.

<sup>3</sup> Constança Marconde César, Ed. Ideias e Letras, 2008, São Paulo.

<sup>4</sup> In “Kairós: problèmes d’ethymologie”, *Revue des Études Grecques*, Belles-Lettres, XLVIII, 1984, nº 460-464, pp. XI-XVI.

<sup>5</sup> In op. cit., p. 59.

no filósofo grego contemporâneo já enunciado, a interprete brasileira<sup>6</sup> acrescentará que, em Evagghélos Moutsoupolos para além de *Kairós* surge também o adjectivo *kairicidade* aplicando-o nomeadamente «à criação artística, à obra de arte e à própria consciência humana»<sup>7</sup> assim significando *kairicidade* «ter *kairós*» isto é, «expressar no tempo, o carácter qualitativo da criação artística, do nível de realização atingida pela obra e da própria consciência que no confronto com o mundo, traduz valores»<sup>8</sup> ao mesmo tempo que humaniza o mundo. A interpretação desta noção, a que apenas muito sinteticamente aludimos, constitui todavia para o nosso propósito, importante e decisivo significado por entendermos que *kairós* poderá corresponder àquele momento oportuno que como afirma Constança Marcondes César referindo-se ao “*sendo* no tempo, à mudança, à ruptura ou evolução quanto ao passado”<sup>9</sup>, nos pode também colocar no momento *essencial*, no momento gerador e determinante, primeiro, de uma cultura mas também de uma civilização.

Na história da humanidade, a Grécia desempenhou um papel de primordial importância pelo diálogo que estabeleceu entre Cultura e Filosofia, e ainda com a Religião. Também o diálogo entretanto empreendido entre o Cristianismo e a Filosofia Grega, mesmo que nem sempre tenha sido fácil, pode ser visto como um dos momentos mais relevantes na relação estabelecida entre a Filosofia e a Teologia ou vice-versa.

Platão, Aristóteles<sup>10</sup>, Plotino e suas obras repletas de inspiração e vitalidade, mesmo que algumas vezes interpretadas como perturbadoras, *ditaram* às culturas em que foram integradas sobretudo a civilização ocidental e cristã as mais diferentes interpretações, que depois o cristianismo foi adaptando em acordo com a ortodoxia cristã.

A Antiguidade Clássica só pode de forma ampla e efectiva considerar-se, se interpretada como uma intensa luz, uma luz que reflecte e onde se reflectem as múltiplas culturas e civilizações que nela ou a partir dela tiveram sua origem, utilizando aqui o termo civilização com um significado universalista e cosmopolita, tal como por exemplo o também o entendeu Marcel Mauss, definindo-a como algo que “constitui uma espécie de estado de coisas simultaneamente real e ideal, racional e natural, causal e final que um progresso do qual não se duvida manifestaria pouco a pouco”<sup>11</sup>. Mesmo que outras perspectivas se pudessem considerar umas mais complexas que outras, em todas, pensamos, se cruzam elementos que podem configurar os valores civilizacionais e culturais que constituíram o legado clássico greco-romano ou greco-latino, cabendo aos gregos o papel de criadores de uma espécie de “stock” cultural, e aos romanos cabendo, talvez se possa dizer, o papel de reformuladores e transmissores<sup>12</sup>. Eis um

---

<sup>6</sup> Constança Marcondes César, pensadora brasileira é docente da USP/Campinas, São Paulo. Desenvolve estudos filosóficos diversos com especial destaque para a fenomenologia e a ética. É também uma estudiosa da filosofia grega e da filosofia grega contemporânea, particularmente do pensamento de E. Moutsoupolos, de quem é também tradutora para a língua portuguesa, além das dezenas de traduções de outros filósofos.

<sup>7</sup> *Idem, ibidem*, p. 59.

<sup>8</sup> *Idem, ibidem*, p. 59.

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*, p. 59.

<sup>10</sup> Só a partir do séc. XIII é que se considera que este filósofo teve impacto no cristianismo.

<sup>11</sup> In *Oeuvres*, 2, Représentations Collectives et Diversité des Civilizations, Paris, 1974, p. 476.

<sup>12</sup> In Maria Leonor Buescu “Aspectos da herança, clássica na cultura portuguesa”, Instituto de Cultura de Língua Portuguesa, Lisboa, 1992.

tema de grande interesse, mas no qual não nos deteremos, apenas a ele aludindo pela presença que exerce no objectivo das observações que aqui vamos tecendo, pois qualquer tentativa de compreensão dos múltiplos fundamentos histórico-filosóficos que sustentam parte ou grande parte do pensamento de filósofos, poetas, artistas, e escritores da velha e da actual Europa, não deixa de nos remeter mais directa ou indirectamente para a imponente força do pensamento grego. É que, de geração em geração, sabemos que os *Antigos*, como afirma Maria Leonor Buescu, “deixaram à Europa Moderna a mensagem da sua arte comedida, serena, e portanto durável<sup>13</sup>, sendo também por isso o velho continente, herdeiro dum “duplo capital” que define a sua integral fisionomia cultural, como sublinha E. Morin em *O Paradigma Perdido*, onde escreve “A cultura reúne em si um duplo capital: por um lado um capital técnico e cognitivo – de saberes e saber-fazer – que, em princípio, pode ser transmitido a qualquer sociedade, e, por outro lado, um capital específico, que constitui os traços da sua identidade original e alimenta uma comunidade singular, em referência aos seus antepassados, aos seus mortos, às suas tradições”<sup>14</sup>. Assim, e no que concerne à cultura clássica e à filosofia grega em particular, o seu capital foi, e pode dizer-se que continua sendo hoje, um alimento de múltiplos sabores porque portador de múltiplos saberes que não deixam de continuar a interpelar-nos. Não é possível hoje como ontem passar ao lado das obras de Platão e Aristóteles. Mesmo que séculos e séculos tenham sobre elas decorrido, continuam sendo monumentos sempre vivos e imprescindíveis, para nos aproximarmos das decisivas problemáticas filosóficas desde logo por eles levantadas<sup>15</sup>.

## 2. O fascínio da cultura grega

Não serão afinal as buscas que empreendemos na vida a que somos convidados a viver, buscas de existentes ou de existências, rumo a aproximações do que em nós não é visível?

Parece-nos que essa é, antes de mais, além de nossa missão, uma espécie de imperativo que decorre do próprio humano, assumindo, porém, muitas e diferentes perspectivas ou olhares, de acordo com o que cada um de nós se propõe, decide, escolhe ou não.

Professor, ensaísta, pedagogo, poeta, Agostinho da Silva (Porto, 1906 - Lisboa, 1994) é um daqueles seres em que as buscas se sucediam insistentemente e das mais diversas formas, acerca de tudo e para tudo, procurando suas respostas. O *Sentido Histórico das Civilizações Clássicas* foi um dos caminhos que teve importância relevante no seu percurso, sendo este o tema que investigou no seu doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde se doutorou em 1929. Nesta dissertação, escreveu Agostinho da Silva: “o presente trabalho pretende mostrar o que há de leviandade e ligeireza nas páginas de Spengler e provar que os greco-romanos possuíam, mesmo em maior grau que os egípcios, o sentido histórico, o sentido

---

<sup>13</sup> Op. cit., p. 71.

<sup>14</sup> *O Paradigma Perdido*, Lisboa, Europa-América, 1975.

<sup>15</sup> Embora não tenhamos aqui o intento de nos debruçarmos sobre a obra de filósofos gregos contemporâneos, não deixamos de sublinhar a importância de alguns deles, não só o já aqui referido E. Moutsopoulos, mas também Cavafys, Kazantzakis e Seféris.

do tempo”<sup>16</sup>. Mas, esta presença e inequívoca proximidade das literaturas e línguas clássicas não obstam a outros e diversificados horizontes especulativos do filósofo luso-brasileiro. A partir de 1931 e até 1946 é de referir que a importância dos temas clássicos no seu pensamento parece até deixar de ter grande significado, o que é mesmo só aparência, pois em 1947 publica no Brasil<sup>17</sup> um texto, cujo sugestivo título, “A Comédia Latina”, claramente continua a evidenciar o seu interesse pelos temas clássicos. Neste, o pensador elege a religião como o âmbito de seu maior interesse, referindo-se às religiões clássicas como uma espécie de fundamento, onde pensa ser possível a construção de uma diferente espiritualidade.

Aliás, em 1930, num texto intitulado “A Religião Grega”, Agostinho expressa a profundidade das suas indagações e ao mesmo tempo o fascínio pela cultura grega, fascínio que perdurará até ao final da sua vida. A Grécia, para muitos autores correspondendo ao país da Beleza e do Amor, não poderia deixar de ser para o pensador luso-brasileiro, onde se prefigurou a ideia de um novo mundo a haver, um lugar, um espaço de grande inspiração, até porque aí – pensava – todos os deuses habitavam na maior harmonia. Escrevia Agostinho: “A característica essencial do espírito grego, aquela de que provêm todas as outras e que, melhor que nenhuma nos explica a magnífica florescência dos séculos V e IV, é, sem dúvida, o amor insaciável da Beleza, o desejo de qualquer coisa que seja sempre mais alta e mais nobre”<sup>18</sup>. A cultura assim considerada correspondia naturalmente a um pensamento de igual natureza. Sempre Agostinho da Silva teve como horizonte da sua vida reflectida na sua obra qualquer coisa que fosse mais alto e nobre. Acreditando no progresso moral do homem e do mundo, assim como na possibilidade de um estado de plenitude final, o pensador português acreditava também numa transformação, na qual se atingiria a libertação e realização tanto pessoal como comunitária. Também a civilização grega, tal como Agostinho da Silva a interpretou, foi decisiva para o futuro da humanidade, escrevendo: “por todo o tempo ficará no homem a saudade, o anseio de reencontrar essa Grécia divina onde se adoravam sobre todos os deuses, a beleza e a vida”<sup>19</sup>.

Beleza e Vida, o Bem e o Belo, aquelas formas inteligíveis, supremas e eternas a partir das quais os gregos “na literatura, como na plástica, num coro de Sofócles, numa ode de Píndaro, numa estátua de Fídias ou num templo dórico”<sup>20</sup>, se puderam aproximar do mais nobre e mais alto. Real e ideal foi o seu espírito de missão na demanda da perfeição e plenitude, afirmando: “a vida artística do grego foi, ainda no mito de Platão, a corrida das almas para o campo semeado das estrelas, para além do qual é possível contemplar as ideais puras”, pensando também que, na obra de arte da Grécia, a forma não é o fim último a que aspiram os artistas, mas sim “a base que lhes permite, a eles e aos outros, subir mais alto”, porque, defendia ainda, “a forma será sempre para os gregos uma reminiscência”, sendo através dela que a alma alcançará a ideia. E aí, onde a essência se poderia desvendar, também o amor universal assim como a Ordem, poderiam ser encontrados. Estes valores universais,

---

<sup>16</sup> In *O Sentido Histórico das Civilizações Clássicas*, tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 46.

<sup>17</sup> País para onde partira em 1944, aí permanecendo até 1969, ano em que regressa a Portugal.

<sup>18</sup> In *Religião Grega*, p. 111.

<sup>19</sup> *Idem, ibidem*, p. 187.

<sup>20</sup> *Idem, ibidem*, p. 111.

presentes na cultura, constituíram o caminho por onde se podia chegar à Grécia Clássica. E esta seria possível quando o fosse também uma sociedade de homens livres, uma sociedade em que a perfeição e o sagrado seriam atingidos pelo espírito humano que tudo e todos os seres uniria, depois de, descoberto pelo espírito, o Belo, o Bem, a Alegria.

Agostinho da Silva não deixará também de considerar como decisiva a importância da civilização grega para a sustentação do cristianismo e sua doutrina, afirmando: “dos gregos veio tudo o que hoje faz belo o catolicismo”<sup>21</sup>. A religião grega era, para o nosso autor “essencialmente uma religião de Alegria”<sup>22</sup>, o que também o levava a preconizar uma sociedade onde a ideia de *vida plena* fosse possível, o que significava a despreocupação com a moral (porque esta hipotecaria e anulava a vida), com as regras sociais que levavam à Dor, e ainda, com o tempo cronológico e mortal<sup>23</sup>. Por isso também, a união com a natureza e os deuses tornava-se uma necessidade e, ao mesmo tempo, imprescindível a dimensão religiosa e espiritual, a qual permitiria terminar com as cisões entre o homem, a natureza, o divino, o sagrado e o profano.

A ideia de plenitude e aperfeiçoamento ontológico e espiritual, sempre presente no pensador português, não subestimarà nunca o seu empenho na vida social, pois a sua dissociação e desconsideração, colocaria o homem, na perspectiva do autor, perante condições de ordem material onde verdadeiras cisões poderiam ocorrer. A luta pela sobrevivência e pela subsistência poderia levar o homem a separar-se da Natureza, assim dando origem à sua queda espiritual, razão pela qual a questão da vida social se lhe afigurava como fulcral, o que significava que a componente material decorrente das necessidades dos humanos deveriam estar resolvidas para que o espírito se pudesse lançar de forma plena na sua busca. E esta é, segundo Agostinho, simultaneamente humana e religiosa, tendo a Beleza como objectivo constante e essencial valor, acreditando que a criação de Beleza permitira uma sociedade mais justa e digna, assim se podendo aproximar mais do ser de Deus e da gratuidade do dom da vida. Aqui, e neste plano, a integração seria total. O homem, o espírito, a natureza, o mundo, tudo se integraria, tudo estaria em harmonia, não havendo mais lugar a quaisquer cisões. Então, seria possível a Epifania em que, como escreve o autor, “depois de longo, do penoso, do quase desesperado caminhar”<sup>24</sup> o esplendor inundaria as almas. É esta a visão de um devir histórico e existencial em que, como escreve Paulo Borges, “Agostinho da Silva, já ciente dos limites das culturas e das civilizações clássicas”<sup>25</sup>, quer das que interpretou como das que lhe sucederam e dentro dessa sua perspectiva do devir, acontece a perda do Paraíso, mas ao mesmo tempo também “o anelo da sua recuperação criadora”<sup>26</sup>.

A compreensão do teatro e sua essência, desde o teatro clássico até à contemporaneidade teve também em *A Comédia Latina* análise aturada e onde esteve presente a ideia de uma espécie de regresso ao paraíso. Depois da cisão operada

---

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*, p. 103.

<sup>22</sup> *Idem, ibidem*, p. 174.

<sup>23</sup> Sobre este assunto, ver Romana Valente Pinto, *Religião e Metafísica no pensar de Agostinho da Silva*, IN-CM, Lisboa, 2007, p. 52.

<sup>24</sup> In *A Comédia Latina*.

<sup>25</sup> In *Estudos sobre Cultura Clássica*, p. 8.

<sup>26</sup> *Idem, ibidem*, p. 8.

entre o homem e a natureza assim como da perda do paraíso onde a ideia de queda como a ideia de mal estariam presentes<sup>27</sup>, haveria de novo lugar para a experiência da união e da comunhão cósmica. Assim, também o teatro, tal como Agostinho o interpretou, terá na origem, a ideia de separação, de tragédia, que se volve comédia pela representação da primeira.

A origem do teatro tem, em Agostinho, uma interpretação muito própria, com base “as consequências da separação entre o homem e a natureza e, mais profundamente ainda, a distinção entre o sujeito e objecto”<sup>28</sup>. Esta consideração, que é da experiência inicial “sagrada”, permitirá caminhar para uma dessacralização da vida humana e depois, novamente, procurar a unidade. Tal como no teatro, também na vida, pensa Agostinho, a civilização faz um caminho semelhante, ou seja, primeiro, a experiência primordial e integral a que corresponde a ideia de paraíso, depois a cisão, o que na civilização decorre da emergência de uma consciência dualista, ao mesmo tempo surgindo a noção de propriedade, de estado e de religião, sustentando-se esta na transcendência de Deus (ou de deuses) daí decorrendo o aparecimento das crenças, cultos e ritos. É deste modo que a ideia de «vida religiosa» no peculiar sentido que lhe atribui este autor tem a interpretação de uma vida de unidade com o todo e todas as coisas. Por isso, pensa que se esta unidade desaparece, é deturpada a religião, a qual sempre entendeu no sentido etimológico da palavra, isto é, *relegere* ou *religari*.

O mundo dessacralizar-se-á, num processo em que o homem se considera sem proprietário ou dono, apenas importando da vida a sua dimensão material, nesta iniciando o homem apenas o triste ciclo de produtor e consumidor de bens materiais. Mesmo assim, Agostinho da Silva não deixaria de acreditar na liberdade humana sem limites, justificando também o seu claro optimismo onde o tom profético sempre comparece. É neste registo que afirmará que depois de superadas as dúvidas sobre a confiança nas possibilidades do homem, se tornará possível a união de tempo, eternidade, amor, criação e contemplação. O teatro, escreve, “será então, por completo, litúrgico e sagrado, sem nenhuma tragédia e sem nenhuma comédia porque o homem se integrará na Natureza ou a levará a Natureza ao nível do seu próprio espírito”<sup>29</sup>. E este, será a dimensão sempre presente na reflexão deste pensador, permite-lhe também melhor compreender as culturas clássicas e especialmente a herança espiritual greco-latina. Portadora de um humanismo onde habita uma cultura de espírito e de alma surpreendentes, nela assistimos à convergência entre o ideal religioso dos gregos e o Evangelho do Cristianismo.

*Celeste Natário*  
*Universidade do Porto*

---

<sup>27</sup> Estas temáticas têm relevo especial em diversos pensadores como Sampaio Bruno, Eudoro de Sousa, Teixeira de Pascoaes e José Marinho.

<sup>28</sup> *Idem, ibidem*, pp. 180-190.

<sup>29</sup> *Idem, ibidem*, p. 190.